



## Entrevista

### Da experiência para a docência\*

**Edla Eggert\***

A Dra. Edla Eggert atuou como docente convidada em vários componentes curriculares da linha de atuação Gênero, Feminismos e Diversidade do Mestrado Profissional em Teologia. Nessa entrevista, ela fala sobre sua trajetória pessoal no campo da educação e reflete sobre a importância da autobiografia como elemento pedagógico trabalhado em suas aulas na Faculdades EST. Confira a entrevista.



Dra. Edla Eggert – Foto: Amanda Fetzner Efrom

- \* Entrevista realizada por Sabrina Senger (Mestranda em Teologia no Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST. Bolsista CNPq. Contato: binasenger@hotmail.com) e Tiago Ademir Graube (Mestrando em Teologia no Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST. Bolsista CNPq. Contato: tiago.a.graube@gmail.com). A transcrição da gravação foi feita por Jéssica Kriese (Mestranda em Teologia no Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST. Bolsista CNPq. Contato: jessikriese@gmail.com), adaptada e revisada pela entrevistada.
- \* Edla Eggert é professora e coordenadora do PPGEduc na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com pós-doutorado na Universidade Autônoma Metropolitana, no México. É doutora em Teologia pelas Faculdades EST, mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pedagoga pela Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac). Atuou como professora do Mestrado Profissional na linha de atuação Gênero, Feminismos e Diversidade.

## 1. Qual a sua trajetória formativa e como ela se relaciona com sua experiência docente?

A minha formação primeiramente como alguém que se imaginou professora é do campo da experiência da escola dominical. Os domingos eram desafiadores para imaginar coisas a trabalhar com as crianças sem saber nada, sendo experimentadora. Acho que isso me catapultou na ideia de ser professora e, então, aos poucos de entrar no mundo da juventude e da igreja. Dessa forma, o caminho de formação foi via a experiência de liderança da igreja.

A música também foi importante e também foi por meio da Igreja, pois resolvi fazer aulas de flauta doce, com a esposa do pastor da comunidade, que havia acabado de vir para Jaraguá lá no final da década de 70. Ela era muito entusiasmada na área de artes e me encantei pela área da música e essa mulher me abriu muitas janelas para pensar coisas na pedagogia. Com ela eu aprendi a tocar flauta doce, a fazer iniciação musical com as crianças e canto coral. Acho que isso me trouxe mais vontade de aprender a ser professora. E para ser professora descobri que tinha que fazer o “tal” do curso do magistério. Mas eu já fazia o ensino médio, em Jaraguá, no colégio Marista São Luís, terminei o segundo grau que era em Análises Químicas, mas se eu quisesse ser professora, eu teria que fazer o magistério e/ou cursar Pedagogia. Fiz um primeiro vestibular e eu não passei!! Uma coisa tão fácil, passar em Pedagogia e eu não passei (risos)! E aí eu fiquei mais um ano em Jaraguá e, nesse caso, resolvi cursar o “tal” curso de magistério. Nesse mesmo ano (1982) fui trabalhar como professora de educação infantil, que na época chamava Jardim de Infância, fui ser professora do maternal, na Escola Jaraguá, da Igreja Luterana. Trabalhava pelas manhãs e ia na aula de magistério à noite, num colégio estadual no município vizinho, Guaramirim (SC). E eu achei uma coisa muito chata, tinha que fazer lembrancinha e coisas para as efemérides, enfim, achava muito chato, e pensava: “Mas não dá para pular essa parte?” (risos) Então no fim daquele ano, eu fiz vestibular de novo e passei para pedagogia na Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC e assim, pude pular essa parte! Me mudei de Jaraguá do Sul, para Lages. Me mantive na comunidade luterana. E por que Lages? Porque o pastor que estava em Jaraguá foi pra Lages e essa era a única referência que eu tinha e que eu sabia que minha mãe me deixaria sair para estudar, justamente porque tinha um pastor conhecido lá. Fiquei dois meses e meio na casa deles até conseguir me organizar em uma república de meninas que faziam agronomia e veterinária.

Essa foi minha grande experiência de convívio social, completamente diferenciada da vida familiar e que me levou para outros caminhos em termos de convívio com outros estudantes, pois até então, eu não tinha percebido a cena política que o Brasil estava vivendo. Eu fui descobrir isso mais perto de dos anos 85, 86 quando a gente já estava no processo das diretas já. Quando eu comecei a fazer pedagogia sempre fui uma aluna trabalhadora, entrei para um mundo de ter que estudar para ensinar. Concomitantemente eu fazia o curso de pedagogia que tornou bem

concreto o processo de aprender o campo teórico e experimentar na sala de aula. Fui convidada pela professora de sociologia da educação, que na época era a Secretária da Educação do Município de Lages, para ser supervisora pedagógica na equipe dela. Esse Cargo de Confiança possibilitou a que eu tivesse uma bolsa, trabalhasse 40 horas e a noite, cursasse pedagogia. Foi uma experiência muito rica, porque eu visitava as escolas dos bairros e uma vez por mês eu viajava para o interior de Lages e conheci um distrito da área rural. Foi uma grande aprendizagem de território, cultura e técnica no campo da pedagogia.

Nessa época eu namorava um estudante de Teologia e à medida em que ele ia lendo e avançando na formação teológica dele, eu acompanhava as discussões desse campo. Também acompanhava os grupos mais conservadores, que faziam confronto com o professor de sociologia deles na época, Raul Pont. Por meio dele conheci muita gente que, depois, tornaram-se meus colegas com quem fiz boas amizades. Eu lia coisas que ele lia, por exemplo, Bultmann e Karl Barth, e achava muito legal!!

Vim morar em Porto Alegre no final de 1986 e foi nesse tempo que a Teologia entrou na minha vida de forma mais sistemática. Concorri para uma vaga no Departamento de Teologia Prática, que havia na Faculdade de Teologia. Eu só tinha a graduação e um curso de especialização de metodologia do Ensino Superior na PUCRS. Fui selecionada e, assim exerci a docência entre os anos de 1987 até 1990. Entrei para o mundo da Teologia, e onde também conheci melhor a Educação Popular, Paulo Freire, a pesquisa participante entre muitos outros temas e autores. Nesse tempo ainda não tinha lido nada dos estudos feministas e é engraçado isso, porque na época tinha toda a movimentação e a organização das estudantes e das pastoras teólogas pela Teologia Feminista.

Nesse contexto eu acabava fazendo umas parcerias no campo metodológico, na Semana da Criatividade, e com alguns professores da Bíblia. Aprendi muito sobre os estudos do Antigo Testamento e sobre as pesquisas nessa área. Nessas semanas da criatividade eu era provocada a reunir a questão pedagógica com a questão da pesquisa bíblica e inventávamos coisas que davam muito certo. Também participava de cursos de formação e extensão para as comunidades. Aos finais de semana, íamos de ônibus para o interior de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, e fazíamos formação. Na verdade, entendo que o Icte<sup>2</sup> gerou a capacidade e a potência dos mestrados profissionais. Pensando no Mestrado Profissional, a gente imagina um pouco esse *background* que a própria teologia produziu. Esse foi um tempo de muita experimentação metodológica de pesquisa de campo. Pensando no Mestrado Profissional a gente imagina um pouco esse *background* que a própria faculdade de teologia produziu.

---

<sup>2</sup> Instituto de Capacitação Teológica Especial.

Fiz o mestrado na UFRGS em educação. O meu orientador, Nilton Fischer, foi uma pessoa muito acolhedora e que já trabalhava muitíssimo com a discussão de classes sociais e classes populares e tinha um bom contato com a Teologia. Ele tinha feito o doutorado na Califórnia e conhecia algumas teólogas e isso nos aproximou. A pesquisa que produzi no mestrado foi sobre o educativo de um projeto de desenvolvimento feito pela Igreja Luterana junto a uma comunidade periférica do município de Alvorada (RS).

Então conheci no final do mestrado a professora Guacira Lopes Louro com quem tive as primeiras aproximações aos estudos feministas e de gênero e queria fazer o doutorado com ela, mas na época não deu, pois ela estava no processo de se aposentar. Soube na época que a Professora Wanda Deifelt, estava se instalando em São Leopoldo para fazer parte da docência na Faculdade de Teologia. E assim retornei para a Teologia e fiz doutorado de 93 a 98, orientada por ela. Não tive bolsa de estudo, e nesse tempo eu trabalhei na ULBRA onde minha coordenadora que foi compreensiva e negociávamos os períodos de aula e pesquisa de campo. Estudei e trabalhei como a maioria dos pós-graduandos até os dias de hoje nesse país. Trabalhei na Ulbra até fevereiro de 99. E depois fui pra Unisinos e finalmente agora na Pucrs. Observo que minha experiência de trabalho sempre foi com as instituições confessionais comunitárias.

## **2. A partir desta “entrada” no campo da teologia e também da teologia feminista, quais outras percepções ou correntes que fizeram parte do processo formativo e do pensar a linha autobiográfica?**

No fundo penso que as leituras da educação popular, já me aproximaram do debate feminista que veio a ser posterior, e eu analiso isso enquanto falo aqui pra vocês, porque acho que a parte didática de sala de aula eu já tinha, no sentido de uma compreensão mais participativa e inovadora didaticamente falando. Mas eu não conhecia nada de feminismo e que passei a perceber a partir do final do mestrado e início do doutorado. Essa visão ética mesmo, o recorte sobre as mulheres na teologia, para mim foi uma coisa completamente nova e isso fez com que a minha experiência de sala de aula ganhasse um destaque, um salto, porque aí eu acabei me especializando em uma metodologia que sempre vislumbra a capacidade de fazer com que a pessoa se perceba no mundo, que é uma herança da educação popular, de Paulo Freire, de Alvaro Vieira Pinto, somada com os debates de gênero. Em especial na questão da consciência, da conscientização de estar no mundo, e daí esse estar no mundo, é provocado pela leitura da hermenêutica feminista. E a partir daí as aulas, no próprio Mestrado Profissional, e Acadêmico, na Faculdades EST, quando eu sou chamada para ser parceira nas salas de aula, me sinto muito à vontade, na possibilidade de construir um percurso que tem como princípio o campo autobiográfico, e que relaciona esse autobiográfico com o “estar sendo” mulheres ou homens nessa marcação binária, que a sociedade patriarcal insiste em fazer que se torna dicotômica que a gente e sabe, mesmo que digam que não é assim que funciona, que, portanto a gente precisa



ter maneiras de didaticamente alcançar e desconstruir esse caminho e reconstruir outro. A estrutura de pesquisa que vai se pensando como processo está junto disso.

### 3. Com ênfase nos campos do gênero e feminismo, qual o método que tu tens pesquisado como docente?

Nas aulas, realizamos o exercício de retomar as próprias histórias no campo da formação tentando identificar o quão marcante é uma educação sexista. À medida que as e os estudantes narram seus percursos, estabelecem através das leituras - de textos e das próprias experiências, um diálogo com a sua formação e dessa análise surgem avaliações de pelo menos três eixos importantes: **a própria história, os recursos didáticos que utilizados na sala de aula para produzir a narrativa e as leituras.** Então a pessoa é convidada a pensar sobre o tema e a se pensar, porque tem um movimento aí que implica metodologicamente conduzir o grupo a pensar o seu próprio processo, e, individualmente a pessoa também pensa num recorte histórico, historiográfico. Escolho textos às vezes diferentes, às vezes alguns textos são mais felizes, às vezes nem tanto, algum filme curto, ou partes de algum filme longo, mas dificilmente eu vejo um filme inteiro, eu prefiro os curta metragem, 15, 20 minutos com alguma dinâmica que explore o conteúdo do filme. Eu trabalho com dinâmicas na sala de aula, onde a movimentação espacial também é um recurso para os corpos se colocarem, os corpos, das pessoas falarem e não só a cabeça, são características mesmo das minhas aulas, também na graduação as e os estudantes “sofrem” comigo porque eu resolvo movimentar a sala as vezes trabalho com a ideia do improviso inspirada nas técnicas do Teatro do Oprimido do Augusto Boal, e improvisar é preciso, porque a docência é um ensaio de muitos improvisos. Então, se eu penso em método preciso pensar em teorias que sustentam o método, e nesse caso é um método que está baseado nos princípios da pedagogia que considera autores e autoras como Dewey, Piaget, Vygotsky, Maria Montessori, Freire, Sara Pain, Madalena Freire, entre outr@s.

### 4. E na tua experiência, quais são os desafios do campo da teologia feminista?

Olha, eu acho que são vários ao mesmo tempo, então, vamos elencar alguns. Penso que, um é **desmistificar o conhecimento da teologia feminista**, as pessoas, não verem isso já de antemão que isso é coisa de louca, fora do nosso tempo, etc, mas também não é uma coisa certinha, porque não é. Então assim, **correm-se riscos quando se estuda teologia feminista.**

A outra coisa é sobre como se ensina sobre esse conhecimento, porque eu não vou fazer só uma prova, para saber quanto meus estudantes “aprenderam” sobre feminismo. A prova faz parte inclusive, mas ela não pode ser o único modo de eu considerar um processo educativo quando se ensina sobre feminismo. Eu vinculo com a teologia feminista com a produção do conhecimento pedagógico. E tem tudo a ver, na medida em que eu consigo estabelecer um nexo de que, se a gente não nasce mulher, nem homem, mas que nós aprendemos a ser mulher e



homem, e geralmente no “modelito” da tradição patriarcal, portanto: um jeito de ser mulher-feminino e um jeito que define o que é homem-masculino, eu posso articular esse conteúdo com leituras críticas feministas, para uma aula acontecer de maneira dinâmica e participativa. E como isso pode ser vivido no processo de sala de aula. É preciso estudar muito, pois não há “receita” pra coisa alguma, e o princípio a partir dos estudos feministas é desconstruir os pré-conceitos que aprendemos ao longo de toda nossa socialização que molda desde a primeira infância até fim da vida. Isso de certa maneira, é estabelecer um pouco mais de sensibilidade no campo didático, pra estudar mais e saber sobre as atualidades nessa área, porque elas se conversam, então por exemplo: se a gente reler Paulo Freire e propor uma discussão sobre “uma educação para a prática da liberdade”, - que é um dos seus livros mais importantes na minha opinião, com as teorias feministas, teremos muita coisa para pensar e discutir. Teremos uma integração e “tensionamentos” de vários processos de aprendizagem das pessoas lerem o mundo.

Os desafios são muitos. A pesquisa, tanto no mestrado acadêmico, como no mestrado profissional, pode ser muito promissora para a área da Teologia Feminista, porque a pesquisa pode ampliar a divulgação desse tipo de conhecimento, articular e mediar a experiência entre a comunidade (sociedade) e a academia. Escrevi há 30 anos um artigo sobre a Pesquisa Participante, foi meu primeiro artigo publicado na Revista Estudos Teológicos, em 1988. Eu digo lá que a pesquisa de campo é muito importante para a Teologia produzir Teologia brasileira e também para a Igreja ler melhor a sua realidade. Digo que a questão metodológica proposta pela Pesquisa Participante oriunda dos grupos ligados à Educação Popular da América Latina é determinante para o estudo de Teologia. Olhando para esses 30 anos que já passaram, observo que algumas coisas foram feitas, por exemplo, a experiência dos Núcleos Avançados que a Faculdade de Teologia produziu no currículo do curso de Teologia entre os anos de 1989 até 1992, se não me engano. Isso foi muito inovador e inusitado. Reler os relatórios desses Núcleos, sob a perspectiva dos estudos feministas, daria uma excelente pesquisa histórica e hermenêutica.

E é esse tipo de desafio que penso para a Teologia Feminista, a disseminação de ideias e teorias, posturas criativas frente a produção do conhecimento teológico. A Teologia Feminista não pode andar sozinha, ela terá que estar muito mais articulada no campo da pesquisa, fazendo diálogos com o mundo sistemático, bíblico e pastoral. Criando os instrumentais, instrumentalizando, para isso que a pesquisa deve servir.

[Recebido em: maio de 2018 /  
Aceito em: julho de 2018]